

BANDO ESCOLASTICO.

Reitado por Sebastião da Costa Vieira Leite;
no dia 5 de Dezembro de 1852.

O povos do Universo; tende inveja
Da ventura sem par que aqui flameja;
Soberbas Captaes, Pariz, Lisboa;
Vós mesmas abatei a altiva proa,
Que bella, qual jámais brilha d'antes;
Vae a festa brilhar dos estudantes.
Vêdes o Inverno em gelos embrulhado,
Para os alps fugir envergonhado,
E já trajando galas de verdura,
Risos e amores inspirar Natura!
Tudo a festa escolastica annuncia,
Que em torrentes desparze alma alegria.
Congratula-te pois, ó patria amada,
Por esta dita immensa a ti só dada;
E' mimoso florão da c'roa tua,
Que nenhuma cidade tem na sua;
Nobre e antiga tu és, mas esta gloria
Mais memoravel te fará na historia.
Guimarães, flor do mundo, ah! que folguedos
Estes mancebos te preparão ledos!
Que desejo fomenta alguém no peito,
Que todo lhe não deixem satisfeito!
O ananaz do Brazil, do Douro a pera
Em doçura igualar jámais podera
Rubras maçãs, castanhas loufejantes,
Que offerião com meiguice os estudantes.
Do Manoel-Mendes o entremez chistoso,
Da Polka e da Masurka o passo airoso,
Tudo é nada ante as farças e choreas,
Com que o fogo accender farão nas veas.
De Venesa imitando os gondoleiros,
Como as Musas cantando em sons fagueiros;
Mostrarão que não ha por toda a parte
Quem os possa igualar em gosto e arte.
Nem cumpre para haver maçã mimosa
Ser dama de bom gosto, ou ser formosa;
A tricana, inda feia, é contemplada,
Se tiver olho terno, e andar lavada.
Nem só quem tras judia, e tras bigode,
As danças, as facecias gosar pôde;
Verá qualquer laponio as farças bellas,
Té de riso estalar pelas costellas.
Mas um novo prazer, prazer dourado,
Tem para as lindas damas reservado.
Entes mimosos, que com graças tantas
Mesmo tigres fareis curvar ás plantas;
Da vida esmaltes, ah! nos estudantes
Ternas cravae os ólhos flamejantes,

Deixae-lhes apertar as mãos nevadas;
E vereis como então magnetisadas,
N'um extasi ficando o mais jocundo,
Prazer do Elyzeo gosareis no mundo.
Receaeis que haja ahí feiticeria?
Socegae; força é mais da simpatia;
Arte empregão também os estudantes,
Mas astucias não são de nigromantes,
São puras; doces, qual o mel no favo,
São feitiços d'amor; não do Diabo.
Temeis que negras mãos, que mãos calosas
Vão as vossas tocarvos tam mimosas!
Não temdes; que só elles podem tanto,
E nelles tudo é mimo, é tudo encanto.
Qual ha por hi futrica arrebicado,
Que a tal delicto se arrojasse ousado!
Párvos! tocar-lhe a dextra, e no seu rosto
Gozar assomos de ternura e gosto,
Isso é de gloria a mais viçosa palma,
E' recompensa da cultura d'alma;
Vós não chuchaeis, que no crisol do estudo
Pulir não hides o toutiço rudo,
É mal fareis se para ao crime ouzardes,
Com mascara os focinhos ocultardes;
No tanque do Toural mergulhos cento
Em pena soffrereis do lotico intento,
E a cada mergulho uma apupada
A cachola vos deixa atordoada.
Nem sonheis nos b stultos delirantes
C'o valor arrostar dos estudantes;
Quem tenta resistir-lhe ao braço forte,
Que nesse instante não encontre a morte!
Ai de vós se tentaes, patetas brancos,
Que o raio tam veloz não fere os troncos;
Com passo de gigante vos alcanção,
E só c'um pontapé ao pó vos lançaõ;
Como Alexandre, da victoria o nume,
Chegar, ver, e vencer, é seu costume.
Mas vós não abuseis, socios amados,
Só offendidos vos mostrae ousados;
Em prudencia e valor sempre os primeiros,
Sêde em guerra leões, em paz cordeiros;
Derramando á manhaã doce alegria,
Porfae em socego, e cortezia,
E agora do tambor ao som jucundo
A festa annunciae á patria, e ao mundo.

A. O. Cardozo.